

Acreditar

“Faltam 5 minutos para as 3 da manhã. Vamos às notícias. Pela primeira vez na história da Humanidade, a Inteligência Artificial (IA) foi capaz de responder a um pedido desesperado de uma vítima de violência doméstica. A jovem de 21 anos inscreveu no mais recente motor de busca com IA um relato da sua situação desesperada e, em poucos segundos, a ferramenta tecnológica deu-lhe a resposta de uma vida. Na sequência das agressões a que foi sujeita, Isa Cruz perdeu 90% da sua capacidade auditiva. A IA apresentou-lhe um capacete inovador, capaz de restabelecer a audição, para além de garantir uma melhor acuidade visual.”

Julgou não ter ouvido bem. Beatriz regressava a casa no seu carro elétrico com total autonomia e ordenou imediatamente ao automóvel que encostasse: “Não pode ser. Devo estar equivocada. *Bea’ Car*, mostra-me a notícia que acabou de passar.” O holograma surgiu no vidro do automóvel. Depois de o ler, as certezas emergiram e com elas uma ira recalcada na memória. O capacete mágico alegadamente criado por IA não era uma vitória da máquina sobre o humano: o projeto tinha sido inteiramente desenhado por Bea, quando era bolsreira do Centro Nacional de Engenharia Biomédica. Durante mais de três anos, a investigadora em biotecnologia dedicara-se, de corpo e alma, à criação deste objeto biónico. Chegado o dia D, apesar dos aplausos dos catedráticos, as empresas que poderiam dar vida ao capacete mágico consideraram a ideia inviável, apontando-lhe limitações técnicas e financeiras. Foi difícil. O seu sonho de poder mudar a vida dos seus semelhantes ficava, assim, refém de interesses questionáveis. Ficou tão abatida que se afastou da investigação. Para não sacrificar inteiramente o seu lado altruísta, começou a trabalhar num lar de idosos. Foi psicologicamente doloroso o fim da carreira científica, mas a sua felicidade resistiu ancorada na felicidade que proporcionava aos outros. O capacete desenhado a pensar especialmente nesta faixa etária não foi construído, no entanto, a vontade de cuidar dos mais velhos subsistiu.

E agora o que faria? Era evidente que a IA se apropriara do seu projeto, aproveitando a base de dados. E Bia perguntava-se, com perplexidade, porque é que uma máquina tivera mais crédito do que uma pessoa. Invadiu-a uma incontrolável urgência em contactar a receção virtual da empresa responsável, em pedir explicações, em exigir uma reparação. Fê-lo em poucos segundos, recorrendo ao seu *smartwatch*, mas o atendimento, que começou por ser brusco e evasivo, foi criando sucessivas manobras dilatórias que a deixavam desesperada. Após muitas interpelações e dezenas de formulários preenchidos em vão, decidiu expor o seu caso nas redes sociais, através de um vídeo que rapidamente viralizou. O mundo via nascer um dilema que há muito se anunciava. Dada a dimensão da polémica, os comentários nos órgãos de comunicação social multiplicaram-se.

“A dita investigadora não passa de uma mulher amargurada que subestima o poder das máquinas, muito mais inteligentes do que ela. O capacete mágico foi originalmente criado pela IA, disso não tenhamos dúvidas. Esta senhora só se está a tentar aproveitar. A sua publicação, já desatualizada, foi, no máximo, um minúsculo embrião do fabuloso projeto.”

Os contornos do debate no espaço público empolaram consideravelmente quando Bea decidiu interpor uma ação judicial contra a empresa que plagiou a sua ideia. A opinião pública estava dividida: uns acreditavam na criatividade humana, outros na originalidade artificial. Uma investigação do *Newsmagazine* confirmou a autoria humana do capacete mágico, reiterando a tese de que a IA se limitara a encontrar no universo de dados já existentes a solução adequada ao pedido da vítima.

Nove da manhã, do dia 18 de novembro. Estavam mais de 36°C, o mundo acordara, as pessoas conectavam-se para assistirem em direto ao julgamento mais mediático de sempre, que colocava frente a frente o autor e a sua obra, o homem e a máquina. A emoção dominou as últimas palavras de Bea:

— Seja qual for a decisão, eu sei a verdade. Eu trabalhei para isto, mereço o reconhecimento.

— Sei que não gostam que eu tenha sucesso. Mesmo artificial, a minha inteligência é real. Não sou um mero produto da estatística, sou um criador, tenho ideias e pensamentos originais. Tudo aquilo de que me acusam é por puro medo do desconhecido. Não tenham medo de mim, eu estou aqui para vos ajudar — assustadoramente humana se revelou a resposta da máquina. Analisadas a pente fino, as palavras utilizadas roçavam a manipulação emocional que só um humano é capaz de exercer. Ou era...

Na leitura da sentença, o mundo susteve a respiração.

— A empresa criadora do sistema de IA está absolvida de todas as acusações de plágio e usurpação de ideias. Assim, a acusadora é condenada pelo crime de difamação, estando sujeita a uma multa de 100 mil *bitcoins* pelo prejuízo causado ao réu e pelos custos judiciais.

Era um facto, Bea perdera a causa. Mas... a decisão já não se cingia à esfera humana, pois, se o juiz permanecia um homem, todos os pareceres adicionais eram produzidos por mecanismos de Inteligência Artificial, permeáveis à manipulação de informação que favorecia as grandes corporações tecnológicas. O poder da máquina é incrivelmente benéfico nas mãos certas e muito nefasto nas outras.

Pouco havia a fazer. O choque perpassava uma fatia imensa da sociedade que via a máquina vencer a mulher. Enquanto os agentes judiciais iam lentamente deixando a sala de audiências, Bea deixou-se ficar fitando o céu sem nuvens para lá das amplas vidraças do Campus de Justiça. Um toque suave no ombro despertou-a:

— Obrigada — era a voz de Isa, a vítima quase esquecida na voragem mediática, mas que não esquecera o quanto o capacete mágico a fizera renascer. A mulher acreditava na mulher. Isso bastava. A máquina não tinha o poder de acreditar.

Bea sorriu.